



O Telejornalismo Como Lugar de Referência, Sua Função Pedagógica e as Representações Sociais no NETV 1ª Edição¹

Eric de Santana FERREIRA²

Thayanne Sales de Almeida MENDONÇA³

Prof. Dr. Alfredo Eurico Vizeu PEREIRA JUNIOR⁴

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

A atual conjuntura social traz a necessidade de uma ambientação de mundo mais fácil e filtrada por parte dos cidadãos comuns. Para tornar esse mundo mais compreensível, a narrativa dos fatos nas reportagens de telejornal é feita de modo conciso e aproximado. Para conseguir isso, os jornalistas frequentemente exaltam a *função pedagógica* do telejornalismo e, apontando-o como *lugar de referência*, eles reafirmam seu compromisso de levar o máximo de informação familiar e filtrada à sociedade. Analisando os processos cotidianos de produção e construção das representações sociais do NETV 1ª Edição, da Rede Globo Nordeste, identificamos como as rotinas de trabalho, os constrangimentos organizacionais, a cultura profissional e as operações/construções jornalísticas contribuem para o resultado do telejornal.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; representações sociais; função pedagógica; lugar de referência; NETV 1ª Edição.

1 INTRODUÇÃO

A atual conjuntura social de correria e excesso de informação provoca a necessidade de uma ambientação de mundo mais fácil e filtrada por parte dos cidadãos comuns. No Brasil, as reportagens de telejornal são, indiscutivelmente, a fonte de acesso mais fácil aos acontecimentos diários do país e do mundo. Como gênero jornalístico, sua função implica, em primeiro lugar, num compromisso com a transmissão de informação necessária à compreensão e organização da realidade. (SANTOS e AYRES, 2009)

Ao falar de temas cotidianos, presentes na vida diária dos telespectadores, a tevê contribui para uma ambiência, uma esfera de debate comum aos brasileiros. O noticiário televisivo se converteu em um lugar onde se pratica, de uma forma simulada, o

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Graduando do Curso de Jornalismo do Centro de Artes e Comunicação da UFPE, email: ericferreira33@hotmail.com

³ Graduanda do Curso de Jornalismo do Centro de Artes e Comunicação da UFPE, email: thay_sales@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do Centro de Artes e Comunicação da UFPE, email: a.vizeu@yahoo.com.br



exercício democrático das grandes questões sociais. É a “Praça Pública” que converte o exercício da publicização dos fatos como possibilidade da prática da democracia. (VIZEU, 2002, p2)

Mas a verdade é que os debates oriundos dessas transmissões jornalísticas nascem com enfoques marcados pela forma como a notícia é veiculada, pelos enquadramentos que formam imagens públicas e muitas vezes que nascem viciados pela lógica da profissão, pautada pela economia de tempo, objetividade, concisão de texto, jogo de interesses e visões de mundo que nem sempre traduzem a realidade dos fatos.

Penafria (1999, p.25 *apud* SANTOS e AYRES, 2009) diz que papel da televisão se restringe a “noticiar, descrever, explicar ou publicitar”, que não tem como ênfase “tratar os seus temas com profundidade.” Esse ponto de vista coloca a televisão como transmissora de uma realidade superficial, que usa da máxima objetividade para informar e formar a sociedade, somente.

O fato é que diante do público, os telejornais se mostram compromissados em seu objetivo de informar o máximo com isenção, pluralidade, clareza e correção. (BONNER, 2009). Para tornar esse mundo mais compreensível, a narrativa dos fatos nas reportagens de telejornal é feita de modo conciso e aproximado. E isso, muitas vezes, não significa transgressão da realidade, mas adequação ao modo de vida e à necessidade das pessoas.

Algumas estratégias são indispensáveis no exercício dessa prática. Essas estratégias, na verdade, são formas encontradas pelos jornalistas para se aproximarem de seu público. Exaltando a *função pedagógica* do telejornalismo e apontando-o como *lugar de referência*, eles reafirmam seu compromisso de levar o máximo de informação familiar e filtrada à sociedade. Noticiar, esclarecer, explicar e aproximar o leitor. Como já foi dito, na correria do dia a dia, é dessa informação devidamente detalhada e compreensível que se precisa.

Partindo da ideia de que a audiência comunicativa – que interage com os conteúdos dos jornais televisivos, significando-os e ressignificando-os – já está presente nos textos jornalísticos como audiência presumida, este trabalho tem o objetivo de desenvolver o telejornalismo como *lugar de referência* e a *função pedagógica* do telejornalismo e apontar sua importância nas representações sociais da sociedade.

Aprofundando os conceitos através de um estudo teórico sobre o assunto e demonstrando com exemplos práticos as estratégias mobilizadas pelos jornalistas na



busca de desempenhar a *referência e função pedagógica*, esperamos contribuir para o estabelecimento do telejornalismo como um dos responsáveis para o entendimento do mundo que nos cerca.

Analisando os processos cotidianos de produção e construção das representações sociais desse telejornal, identificamos de forma prática como as rotinas de trabalho, os constrangimentos organizacionais, a cultura profissional e as operações/construções jornalísticas produzidas pelo profissional contribuem para o resultado do telejornal em foco. Para isso, realizamos o trabalho de campo em três dias de visita à redação do telejornal pernambucano, NETV 1ª Edição, da Rede Globo Nordeste. Optamos por analisar a emissora por ser a líder de audiência na região, e, dentre os três telejornais apresentados pela mesma, escolhemos focar o trabalho no NETV 1 por ser o que tem o perfil mais comunitário, englobando matérias factuais, serviços e problemas das comunidades.

O período de estudo aconteceu de 27 a 29 de março. Durante esse tempo, presenciamos o dia-a-dia dos jornalistas da Rede Globo Nordeste e observamos o processo de edição junto aos editores de texto e de imagem. Após essa etapa, somou-se ao estudo prático a análise dos programas gravados e scripts dos telejornais. Todo o material foi analisado a partir das teorias apresentadas, em especial, a das representações sociais e da construção social da realidade. O resultado é um raio x dos três dias de telejornal que foca o *lugar de referência* e a *função pedagógica* do telejornalismo na papel de informar e ambientar a sociedade.

2 O TELEJORNALISMO COMO LUGAR DE REFERÊNCIA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Ao tratar o telejornalismo como um lugar de referência e que mobiliza representações sociais, têm-se como entendimento que, em sociedades cada vez mais complexas, o jornalismo televisivo desempenha a função de um lugar de segurança para as pessoas. Quando propomos esse conceito, temos como hipótese que o jornalismo televisivo representa um “lugar”, para os brasileiros, muito semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo. Assistimos à televisão e vemos o mundo, ele está, ele nos vê.

Como explica Giddens (2003), as rotinas diárias desempenham um papel central na sociedade. Por isso, defende que a confiança na continuidade do mundo



objetivo e no tecido da atividade social depende de certas conexões especificáveis entre os indivíduos e os contextos nos quais se movimentam no cotidiano.

A seguridade ontológica mostra a fé que a maior parte dos seres humanos tem na continuidade de sua identidade própria e na “estabilidade” dos meios circundantes de ação social e material. A crença na fidelidade das pessoas e das coisas, essencial a noção de confiança, é fundamental para os sentimentos de segurança ontológica.

Os trabalhos no campo da recepção no Brasil apontam nessa perspectiva da televisão como um lugar de referência. Num estudo sobre a recepção entre jovens universitários cariocas, Travancas (2007):

“Eu me perguntava, no início deste trabalho, se os jovens assistiam ao *Jornal Nacional* e o que eu faria durante a pesquisa, descobri que eles não veem. Mas, aos poucos, não só fui confirmando o quanto o *JN* é uma referência também para eles, como é fonte de sentimentos os mais variados, que vão do amor ao ódio, jamais da indiferença”. (p.88)

Travancas (2007) explica que, na pesquisa, constatou que o *JN*, como parte de um sistema mais amplo de comunicação, pode afetar e influenciar o conjunto de informações e conhecimentos que esses jovens adquirem, assim como seus projetos pessoais. Ou seja, o telejornal é um lugar de referência para esses jovens num mundo cada vez mais conturbado. Como acrescenta a autora: “Não é à toa que alguns comentavam que, embora o jornal mostrasse tragédias e notícias negativas, assistir a ele dava uma sensação de tranquilidade. E comentavam que viam o *JN* também para relaxar de suas rotinas estressantes e corridas de uma grande metrópole”. (TRAVANCAS, p.95-96)

É dentro desse contexto que são mobilizadas as representações sociais. A teoria das Representações Sociais tem como preocupação responder por que realmente as pessoas fazem o que fazem. Por que as pessoas compram o que compram, votam, se reúnem? Por que desempenham determinadas ações e não outras? Segundo a teoria por detrás dessas ações, e fundamentando as razões pelas quais as pessoas tomam tais atitudes, está uma representação do mundo que não é apenas racional, cognitiva, mas, muito mais do que isso é um conjunto amplo de sentidos criados e partilhados socialmente. (MOSCOVICI, 2003)



Após a breve exposição dos conceitos referentes ao telejornalismo como Lugar de Referência e as Representações Sociais, chega o momento em que analisaremos algumas situações verificadas na nossa pesquisa de campo, que ocorreu durante três dias na Rede Globo Nordeste.

3 CAINDO EM CAMPO

Durante nossa visita de campo à Rede Globo, percebemos duas situações nas quais a perpetuação e/ou criação de representações sociais se fez necessária para que o público do NETV 1ª Edição identificasse rapidamente o teor de uma matéria e/ou tivesse empatia com algum conteúdo vinculado pelo programa. A primeira foi no caso da veiculação das notícias sobre o assassinato da professora Izaelma Cavalcante Tavares. Em dezembro de 2011, a mulher levou cinco tiros, no tórax e na cabeça, após uma discussão com o ex-marido, um comissário da Polícia Civil, que não estaria aceitava o fim do relacionamento. O acusado desapareceu e levou junto o filho do casal, de cinco anos. O culpado e a criança só foram localizados no final do mês de março.

No decorrer de quatro meses de suítes, a maneira mais simples que os repórteres e editores do NETV 1ª Edição encontram para que o telespectador que visse qualquer matéria sobre o caso rapidamente se recordasse do acontecido, foi sempre se referir a vítima como a “professora Izaelma” ou “a professora morta pelo marido no final do ano passado”. Quando essas expressões eram citadas no telejornal, a ligação com o caso era quase imediata. Ou seja, aquelas palavras criaram uma representação social de um caso que repercutiu durante quatro meses. E mais: se ainda hoje o assunto precisar se lembrado, a representação poderá ser reutilizada sem nenhum problema, apesar de acreditarmos, nesse caso, ser necessário um maior resgate de informações para o telespectador, já que há algum tempo o caso de Izaelma não aparece nos noticiários.

Outra situação na qual a criação de uma representação social é necessária se dá na edição das chamadas “matérias de comunidade”, em que problemas referentes a comunidades (falta de saneamento e calçamento nas ruas, falta de água encanada, entre outros) são abordados. Quando as sonoras dos moradores de determinadas comunidades eram editados, os jornalistas responsáveis por essa edição, no NETV 1ª Edição, sempre procuravam deixar no vídeo o momento em que essas pessoas falavam expressões como “oxe” e “isso aqui tá fogo”. Ao entrevistarmos os editores do telejornal, eles afirmaram que acreditavam ser importante deixar esse tipo de expressão na sonora, pois, ao ouvi-las, o telespectador poderia de maneira rápida entender o grau de indignação no qual



aqueles moradores se encontravam. As interjeições dos populares também são representações sociais, uma vez que fazem uma ligação direta com um sentimento de insatisfação da população.

4 A FUNÇÃO PEDAGÓGICA DO TELEJORNALISMO

O jornalismo, em particular o televisivo, é uma forma de conhecimento crítico que tem como preocupação interpretar a realidade social (GOMIS, 1991), (GENRO, 1987), (MEDITSCH, 1992), (TUCHMANN, 1983). É resultado de uma atividade profissional de mediação vinculada a uma organização que se dedica basicamente a interpretar a realidade social e mediar os que fazem parte do “espetáculo mundano” e o público. (VIZEU, 2009)

Em síntese, o telejornalismo é responsável por informar as pessoas sobre a realidade do mundo e, assim, ambientá-las no espaço do qual fazem parte, tornando-as capazes de agir conscientemente mantendo-o e transformando-o. Essa preocupação em tornar o mundo mais compreensível sugere princípios e métodos, e permite-nos propor que o jornalismo desempenha uma *função pedagógica* para o público. Essa função nada mais é uma tentativa de reduzir a complexidade da realidade social, esclarecendo e orientando a audiência sobre o que acontece para que ela encontre seu papel diante disso. Por meio da função pedagógica, o telejornalismo tenta reduzir as incertezas do mundo, tornando-o mais acessível. O telejornalismo seria como “um lugar de referência que teria como uma de suas preocupações centrais orientar homens e mulheres no cotidiano”. (VIZEU, CORRÊIA, 2008).

Partindo do pressuposto de que o telejornalismo não apenas apresenta, relata e descreve os fatos tais como ocorreram, mas desempenha uma função didática ao tentar esclarecer, explicar e orientar as pessoas, é possível afirmar que o jornalismo produz conhecimento ao participar da construção social da realidade e interfere nessa própria realidade.

Isso tudo é possível graças ao desenvolvimento de estratégias que melhoram o desempenho da atividade dos profissionais, como cuidados na apuração, produção e edição para garantir o máximo de precisão às notícias.

A exploração da linguagem é o artifício mais utilizado para o cumprimento desse objetivo. Para garantir que a audiência compreenda bem essa interpretação e se identifique nela, o jornalista explora ao máximo das possibilidades linguísticas textuais e imagéticas. Clareza e simplicidade são as palavras de ordem. Na



contextualização e ambientação dos assuntos abordados, são explorados infográficos, artes e mapas, ordenamento coeso dos parágrafos, complementação com imagens e fotos, entre outros cuidados que familiarizem e aproximem a audiência do que é dito.

5 CAINDO EM CAMPO

Analisamos três dias da edição de texto e imagem das reportagens do telejornal NETV 1ª Edição, da Rede Globo Nordeste, e pudemos constatar como isso funciona na prática. Há pouco mais de dois anos, em fevereiro de 2009, o NETV 1ª Edição estreou um novo formato, com uma linguagem mais simples e direta que procura aproximar o público permitindo-o de participar mais assumidamente na construção do telejornal.

Nesses dias, duas matérias merecem destaque. Embora na chamada e construção de todas elas haja explanação sobre a temática em questão e o discurso seja de interação com a audiência, nessas, em especial, os apresentadores e repórteres vão além, introduzindo o assunto, tratando o tema e sugerindo ação por parte da sociedade.

A primeira, sobre a falta de água no bairro do Janga, em Paulista e a cobrança das contas, é introduzida por uma recapitulação do assunto. Isso é muito comum nas reportagens do NETV 1. Antes de iniciar a narrativa atual do assunto em questão na reportagem, há uma recapitulação do que antecede aquela situação. Fazendo conexões entre um fato e outros aparentemente independentes, o jornalista explica as causas e consequências dos fatos, mostrando em que os acontecimentos podem interferir na vida da audiência. (RÊGO, 2009)

Na chamada, o apresentador descreve a reportagem, faz o resumo geral do problema e das consequências. A construção da reportagem toda é feita de modo que a audiência se encontre no que é relatado. Os moradores aparecem e representam a ação que condenam. Eles aparecem reivindicando atitude dos responsáveis e orientando a audiência de que realidade é aquela. O texto é construído cronologicamente e só é interrompido por comentários pessoais de um personagem como – *É todo santo dia ...* –que explicita a reação espontânea dos que vivem a realidade retratada.

As informações essenciais não são suprimidas, alguns detalhes que comprovem a veracidade do que é dito não devem ser omitidos para que o público possa compreender as notícias e confiar naquilo que veem. Esses cuidados fazem parte do método jornalístico e contribuem para o exercício de um jornalismo crítico, baseado na investigação precisa dos acontecimentos e de seu contexto.



Ainda nessa reportagem, outro aspecto interessante, também notado em outras matérias, é o fato das cobranças e sugestões de ação serem feitas pelo apresentador do telejornal ou em entrevista ao vivo. Após apontar e problematizar a questão na chamada e na reportagem, respectivamente, a solução é indicada no fim pelo repórter ou apresentador que fala diretamente com o público no momento em que o telejornal é exibido. Nessas circunstâncias, essas figuras representam a ponte mais estreita de contato com quem está assistindo de casa. A linguagem é o meio mais eficaz nessa “convocação” do público a participar e a ficar atento a alguns assuntos. É frequente o uso do imperativo, que reforça ainda mais a ideia de conversa com o telespectador, convocando-o a tomar alguma atitude. Como afirma Giddens (2003) *apud* (RÊGO, 2009) as pessoas sentem a necessidade de confiar na continuidade e estabilidade do mundo objetivo, e os jornalistas levam em conta essas necessidades ao organizar os telejornais, procurando dar uma ordem ao caos circundante e tentando dar um sentido as coisas.

Na reportagem sobre a falta de água, o repórter Bruno Fontes cobra do superintendente da COMPESA justificativa e solução para o problema dos moradores. Os apresentadores do NETV 1, Márcio Bonfim e Clarissa Goes, apontam o que deve ser feito por parte dos moradores para controlar a ação dos responsáveis e viabilizar a solução. Eles narram passo a passo o que os afetados pela falta de água devem fazer para se livrar das cobranças indevidas e recuperar o abastecimento do serviço. É possível perceber aí a preocupação em responder todos os possíveis questionamentos dos telespectadores, de forma a não deixar-lhes dúvidas quanto ao que devem fazer no contexto apresentado.

A construção do texto em linguagem conversada faz toda a diferença para na realização dessa função. O uso de uma linguagem o mais coloquial possível, simples e fluida facilita a compreensão da audiência e a coloca em posição de ator, responsável pelo curso das ações sociais.

A segunda reportagem em destaque sobre as aparentes falhas de construção no Habitacional Via Mangue segue a mesma linha da primeira analisada. A construção é basicamente de recapitulação, apresentação atual discussão e apontamento de solução. Um diferencial interessante, entretanto, é a indicação da reportagem como sugerida pelos próprios personagens. Na chamada, o apresentador remete aos moradores do residencial a iniciativa da matéria. Segundo o jornalista, foi o morador quem chamou a equipe e por isso eles fizeram a cobertura do fato. Ele explica isso como pressuposto



para a discussão do problema. Em seguida o morador é apresentado e o relato da realidade é feito. Concomitantemente à narração, as imagens não deixam dúvidas quanto a importância e urgência do que é cobrado. Os moradores por si só mostram suas reivindicações e se mostram explicando o que de fato os fazem estar à frente da audiência apresentando seus problemas. Mais uma vez a cronologia ambiental e direciona o público em relação ao que é discutido.

O tempo todo fica claro a preocupação pedagógica de tentar esclarecer a população de que aquilo acontece e que eles põem fazer algo para mudar. A cobrança da resposta, mais uma vez, é feita pelo repórter em entrevista ao vivo com o responsável. Ele se repete ao apresentar a realidade novamente, mas, assim não abre possibilidade para incompreensão. A cobrança é feita e a convocação de atitude pela população também.

Nessa preocupação de orientar o público, é visível, nas matérias analisadas e na postura dos editores, o cuidado em apresentar a realidade e de modo que a audiência se sinta capaz e responsável por interferir nela como achar melhor. Parece unânime a ideia de que, uma vez mais compreensível, o relato jornalístico pode suscitar mudanças e melhorias na vida das pessoas.

CONCLUSÃO

Diante do confronto realizado nessa pesquisa entre as teorias que consideram o telejornal como um lugar de referência para a sociedade, sua função pedagógica e as representações sociais e as rotinas de trabalho de repórteres e editores do NETV 1ª Edição, da Rede Globo Nordeste, foi possível perceber que aquelas conceituações se enquadram perfeitamente ao processo de construção deste telejornal.

O NETV 1ª Edição, assim como todos os telejornais da grade televisiva brasileira, serve como uma base de referências para a sociedade, seja para elas concordarem com o que ali é veiculado, ou não. É como se servir de lugar de referência fosse uma aptidão do telejornalismo. Já a função pedagógica é, ao mesmo tempo, instrumento utilizado pelos editores do jornal para que os conteúdos se tornem o mais inteligíveis possível, para a *audiência presumida* (VIZEU, 2005), e resultado pretendido por quem faz o telejornal. Já a representação social é também um instrumento utilizado pelos jornalistas para se fazerem entender mais facilmente, organizando o que é dito por eles dentro de uma cadeia de significação social já existente, propondo ao telespectador jogar um “jogo” do qual as regras já são conhecidas por ambos os lados.



Acreditamos que um desdobramento necessário e viável desta pesquisa é a análise de outros telejornais da própria Rede Globo Nordeste e/ou de outras emissoras, para que as afirmações feitas neste trabalho possam ser confirmadas, ou questionadas, com a investigação de outros casos.

REFERÊNCIAS

BONNER, Wiliam. **Jornal Nacional**: modo de fazer. São Paulo: Globo, 2009.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo : Martins Fontes, 2003.

GOMIS, L. **Teoria del periodismo** : cómo se forma el presente. México : Paidós, 1991.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: EDUFSC, 1992.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Petrópolis: Vozes, 2003

RÊGO, Silvia Costa. **A construção social da realidade no NETV 1ª Edição**: a função pedagógica do telejornalismo. Recife, 2009. Apresentação de Trabalho/Congresso)

SANTOS, Macelle Khouri; AYRES, Melina de la Barrera. **A vida através da tela**: a realidade através do telejornal e do documentário. São Paulo, 2009. (Apresentação de Trabalho/Congresso)

TRAVANCAS, I. **Juventude e televisão**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

TUCHMANN, Gaye. **La producción de la noticia**: estudo sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gili, 1983.

VIZEU, Alfredo. **Telejornalismo, audiência e ética**. 2002. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-telejornalismo-audiencia-etica.pdf> - consulta em 14/07/2011

VIZEU, A., CORREIA, J. **A construção do real no telejornalismo**: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: RÊGO, Sofia Costa. **A construção social da realidade no NETV 1ª Edição**: a função pedagógica do telejornalismo. 2009. Disponível [em](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3294-1.pdf) <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3294-1.pdf>



VIZEU, Alfredo. **O telejornalismo como lugar de referência e a função**. 2009. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/6321/4596>.